

## A desumanização da guerra

Parece que foi criado um senso de apatia quando se noticia guerras. A noção de que “é preciso quebrar ovos para fazer a omelete” culmina em uma crença de que é natural que ocorra tanto sofrimento durante um conflito armado, e assim os indivíduos são reduzidos a números e estatísticas e perdem suas histórias. Isso acontece tanto com os civis, protegidos por lei, quanto com os combatentes.

A lei do direito internacional humanitário protege os indivíduos sem envolvimento com o conflito. É considerado crime de guerra o ataque a civis e é necessário que haja um julgamento e punição para tais casos. Contudo, cada vez mais se ouve sobre casos de bombardeios a inocentes, especialmente em conflitos na África ou no Oriente Médio, e as informações sobre os autores, ou até das vítimas, continuam ocultas.

Por outro lado, para os combatentes não há nenhum tipo de segurança. “A vida não é protegida de maneira ilimitada”, afirma Tarciso dal Maso, jurista e consultor legislativo do Senado Federal na área de relações exteriores e defesa nacional. Parte-se do princípio que os soldados são componentes da guerra e, por isso, podem morrer. De fato, os danos são inevitáveis, porém é preciso refletir o que são essas vidas perdidas além de dados do poderio de uma nação. Ignorar a humanidade dos participantes de uma guerra é muito mais fácil, reconhecer em cada óbito uma vida contribui para ressaltar o peso dos conflitos.

É importante lembrar que o objetivo do conflito armado deve ser dominar o inimigo, não causar uma chacina. Tratar as notícias de mortalidade nesses ambientes com descaso é, além de desrespeitoso, um indicativo que sociedade está se acostumando. Mesmo que haja movimentos internacionais de auxílio aos cidadãos e leis para abrandar os impactos das guerras, a mídia também articula de modo importante com o modo que se noticia esses eventos.